

Mata atlântica terá banco de dados

■ Jardim Botânico cataloga espécies e limites da floresta

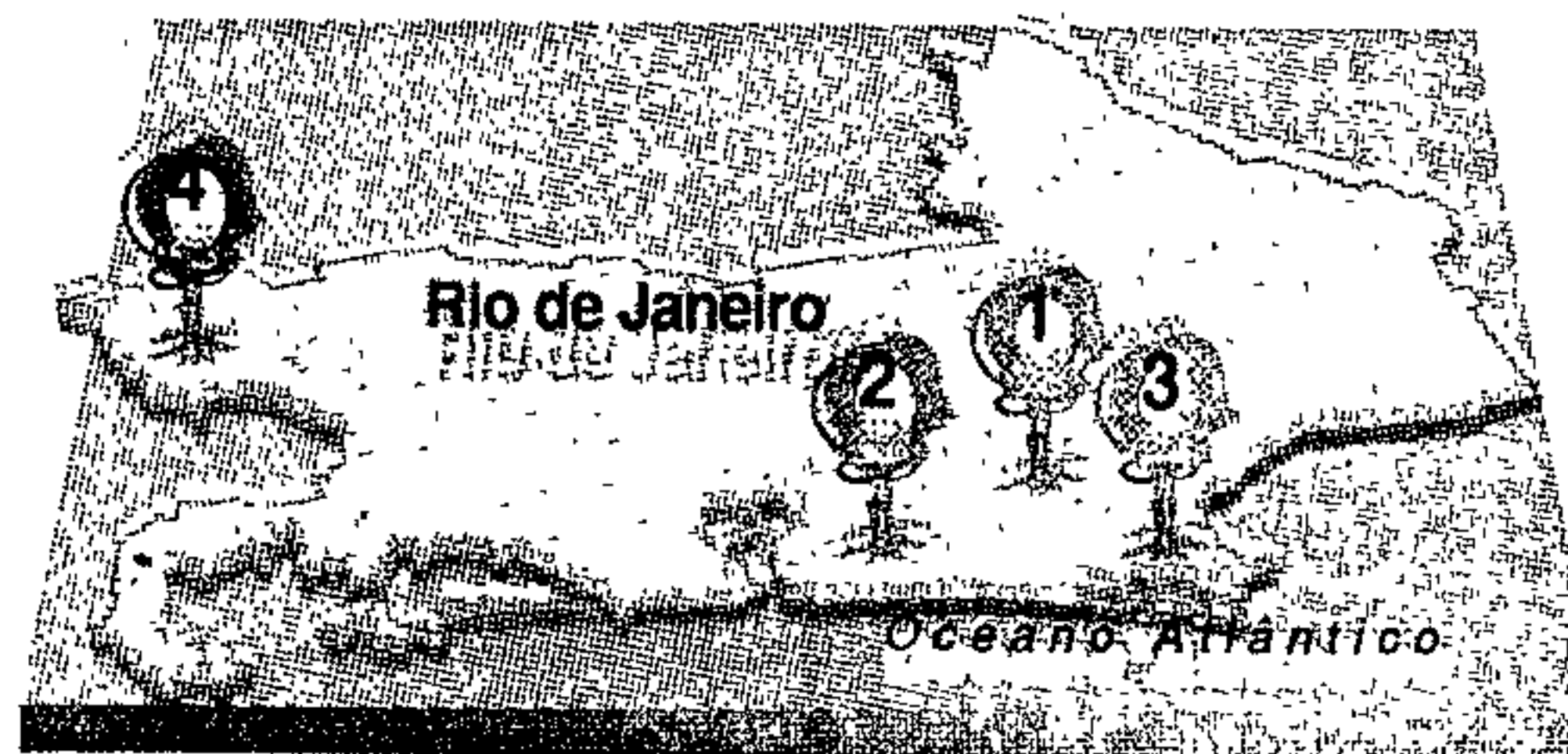
ALICIA IVANISSEVICH

Pesquisadores da área de botânica poderão em breve consultar o maior banco de dados sobre espécies da mata atlântica. O Jardim Botânico do Rio de Janeiro vem reunindo desde 1990 informações sobre os diferentes tipos de vegetação do estado, que estarão à disposição do público nos próximos meses. O Programa Mata Atlântica foi considerado projeto prioritário pelo Ministério do Meio Ambiente, que liberou R\$ 1.250.000 para atividades de pesquisa da instituição para os meses de outubro e novembro.

Estima-se que só existam hoje 10% da mata atlântica original — que se estendia do Rio Grande do Norte, ao longo de toda a costa, até o Rio Grande do Sul. No Rio de Janeiro, entretanto, a degradação foi comparativamente maior: restam apenas 2% a 3% da cobertura original do estado.

Áreas de atuação

- 1- Reserva Ecológica de Macaé de Cima
- 2- Estação Ecológica Estadual de Paraíso
- 3- Reserva Biológica de Poço de Caldas
- 4- Parque Nacional de Itatiaia



Para conhecer melhor os limites da mata remanescente, a equipe do Jardim Botânico está trabalhando com fotografias aéreas. O objetivo é demarcar a área para evitar uma degradação ainda maior. “Qualquer ação de conservação requer o conhecimento prévio das espécies da região”, pondera Tânia Sampaio Pereira, coordenadora do progra-

ma, que reúne 70 pesquisadores e conta com financiamento da Fundação McArthur, dos Estados Unidos.

Desde que o trabalho começou, em 1988, três áreas já foram mapeadas e uma quarta está sendo estudada. A primeira foi a reserva ecológica de Macaé de Cima, no distrito de Nova Friburgo. “Após três anos de trabalho em 7 mil hectares, a prefei-

tura reconheceu a área como reserva ecológica municipal”, destaca Sergio Bruni, superintendente do Jardim Botânico.

A segunda área estudada foi a Estação Ecológica Estadual de Paraíso. “À medida que as espécies são identificadas, o banco de dados vai sendo alimentado e atualizado”, comenta Bruni. “Além disso, o trabalho no campo serve para criar programas de educação ambiental voltados para a população local.”

Na Reserva Biológica de Poço das Antas — a terceira área estudada —, não apenas foram identificadas as espécies e a forma como estão distribuídas, como também foi possível recuperar algumas áreas degradadas que representam 40% da reserva. “Já plantamos 30 mil mudas em cinco hectares desde 1993”, disse Tânia. A equipe do Jardim Botânico está trabalhando atualmente no Parque Nacional de Itatiaia e pretende mapear a cobertura vegetal com fotos aéreas para definir, por exemplo, qual é a área de mata, a de campos de altitude e outros tipos de vegetação.

30/10/95
J.B.
5